

KENNETH L. GENTRY, JR.



AS DUAS PERGUNTAS DO MONTE DAS OLIVEIRAS

*As perguntas dos discípulos a Jesus
sobre a destruição do templo*



revista cristã
última chamada

O FIM DOS TEMPOS

COMO VOCÊ NUNCA OUVIU FALAR!

Nunca mais
seja enganado
sobre o Fim
dos Tempos!

- ▶ Arrebatamento
- ▶ Fim do mundo
- ▶ Guerras
- ▶ Grande Tribulação
- ▶ Milênio
- ▶ Preterismo
- ▶ Pós-milenismo



ACESSE AGORA:

**WWW.
REVISTACRISTA
.ORG**

Conteúdo bíblico, relevante e transformador

As Duas Perguntas do Monte das Oliveiras

As perguntas dos discípulos a Jesus sobre a
destruição do templo

Kenneth L. Gentry, Jr.

Tradução e adaptação textual por
César Francisco Raymundo



revista cristã
última chamada

Patrocine esta obra!

Colabore com este trabalho que visa reformar o verdadeiro ensinamento sobre a Escatologia (ou fim dos tempos), o qual foi tão suprimido nos últimos séculos. Acima de tudo pedimos que nos ajude com as suas orações, para que possamos continuar a ter vigor para continuar e resistir os desafios de cada dia.

Se você pretende patrocinar esta revista, saiba, nós não prometemos as bênçãos de Deus para você, mas garantimos que você estará abençoando outros que precisam ter nossas literaturas gratuitamente.

Doe via depósito bancário

Banco: Caixa Econômica Federal

Em favor de: César Francisco Raymundo

Agência: 3298

Operação: 013

Conta: 00028081-1

Usufrua gratuitamente do site

Temos perto de mil arquivos de artigos, vídeos e mensagens sobre escatologia em geral. Todos eles divididos em ordem alfabética.

www.revistacrista.org

Contato:

ultimachamada@bol.com.br

contato@revistacrista.org

As Duas Perguntas do Monte das Oliveiras

As perguntas dos discípulos a Jesus sobre a destruição do templo

Autor: Kenneth L. Gentry, Jr.

Site: <https://postmillennialworldview.com/>

Acessado dia 03/08/2026

Capa: César Francisco Raymundo
(Imagem criada por IA)

Revista Cristã Última Chamada publicada com a devida autorização e com todos os direitos reservados no Escritório de Direitos Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro sob nº 236.908.

Editor

César Francisco Raymundo

E-mail: ultimachamada@bol.com.br

Site: www.revistacrista.org

Porto Belo – Santa Catarina

Agosto de 2026

Índice

Sobre o autor	07
Apresentação	
Um Texto para Enriquecer o Debate	08
Parte 1	
As Duas Perguntas do Monte das Oliveiras	10
Parte 2	
As Duas Perguntas do Monte das Oliveiras	14
Obras importantes para pesquisa...	22

Sobre o autor



Kenneth L. Gentry, Jr., Th.D., é um pastor, escritor, palestrante e conferencista conservador reformado. Nasceu e cresceu em Chattanooga, Tennessee. Obteve o seu título de Mestre em Divindade (M.Div.) no Reformed Theological Seminary e o Mestre (Th.M.) e Doutor em Teologia (Th.D.) no Whitefield Theological Seminary. Ele é o Diretor do NiceneCouncil.com e pastor na Reformed Presbyterian Church, General Assembly. É casado (desde 1971) e tem três filhos e cinco netos.

Apresentação

Um Texto para Enriquecer o Debate

Este e-book apresenta ao leitor uma importante reflexão de Kenneth L. Gentry Jr. sobre o chamado Discurso do Monte das Oliveiras, especialmente a respeito das perguntas feitas pelos discípulos em Mateus 24:3 e da estrutura da resposta de Jesus.

Quero deixar claro, desde o início, que a posição apresentada neste texto não corresponde integralmente à minha própria compreensão. Eu particularmente entendo que os discípulos fizeram três perguntas a Jesus e creio que todo o capítulo de Mateus 24 está relacionado à destruição de Jerusalém e do templo no ano 70 d.C.

Ainda assim, decidi disponibilizar neste e-book a exposição de Gentry porque considero que seus argumentos são relevantes e podem enriquecer o debate e ampliar a compreensão do leitor sobre uma das passagens mais discutidas da escatologia bíblica.

Portanto, o leitor encontrará nas páginas seguintes a posição de Kenneth L. Gentry Jr., e não necessariamente a minha. Meu propósito ao apresentar seu pensamento não é afirmar que concordo com todas as suas conclusões, mas permitir que o leitor conheça seus argumentos, examine suas evidências e compare essa perspectiva com outras interpretações possíveis do texto bíblico.

Creio que um estudo sério das Escrituras não deve ter medo de apresentar posições diferentes. Pelo contrário, conhecer argumentos

que divergem de nossa própria compreensão pode nos ajudar a pensar com mais profundidade, examinar melhor o texto bíblico e fortalecer nossas próprias convicções.

Assim, convido você a ler as páginas seguintes com atenção, tendo em mente essa distinção: a exposição pertence a Kenneth L. Gentry Jr.; a inclusão deste material neste e-book é uma escolha minha, feita com o propósito de contribuir para um debate mais amplo e proveitoso sobre Mateus 24.

Boa leitura!

César Francisco Raymundo
Editor da
Revista Cristã
Última Chamada

- Parte I -

As Duas Perguntas do Monte das Oliveiras

A obra "*The Olivet Discourse*" [O Discurso do Monte das Oliveiras] surge a partir das perguntas dos discípulos a Jesus sobre sua profecia da destruição do templo (Mateus 24:2-3). É importante compreender as perguntas para acompanhar a resposta de Jesus. Creio que as evidências são claras de que eles fizeram apenas duas perguntas, e não três (como afirmam John Walvoord e outros). O embasamento exegético para a interpretação das duas perguntas é o seguinte.

Primeiro, observação lexical. Lexicalmente, as perguntas dos discípulos apresentam apenas dois interrogativos, não três. Eles perguntam “quando” (em grego, *pote*) e “o quê” (em grego, *tí*): “quando [*pote*] acontecerão estas coisas, e qual [*tí*] será o sinal da Tua vinda e do fim dos tempos?”

Em segundo lugar, uma observação sintática. Sintaticamente, os dois substantivos *parousia* (“vinda”) e *sunteleia* (“fim”) estão “ligados como um único sujeito pela ausência de um artigo resumptivo antes” do segundo substantivo (France, Matthew NICNT, 894). Como Charles Quarles aponta com mais detalhes: “O uso do substantivo singular *semeion* com dois modificadores genitivos, *parousias* e *sunteleias*, ambos compartilhando o mesmo artigo definido, sugere que os discípulos presumiram que um único sinal anunciaria ambos os eventos e, portanto, que a *parousia* e o fim dos tempos seriam simultâneos” (Quarles, Matthew: Exegetical Guide). Dana e Mantey

afirmam que esta é a regra de Granville Sharp para o artigo, “onde o artigo copulativo *kai* conecta dois substantivos do mesmo caso”, de modo que, quando “o artigo... não é repetido antes do segundo substantivo ou particípio... denota uma descrição mais detalhada” do primeiro substantivo (A Manual Grammar of the Greek Testament).

Terceiro, observação gramatical. Gramaticalmente, a segunda questão é unificada pelo fato de que “o sinal” (*to semeion*) é um substantivo singular que rege tanto “a tua vinda” (*ho ses parousias*) quanto “o fim dos tempos” (*sunteleias tou aionos*) (Quarles, Matthew: Guia Exegético).

Quarto, distinções nominais. O Discurso, conforme relatado por Mateus, emprega dois substantivos diferentes para “fim”: *sunteleia* (v. 3) e *telos* (vv. 6, 13, 14). Essa variação sugere que dois fins diferentes estão em vista e que devem ser distinguidos. Em outras passagens do Evangelho de Mateus, *sunteleia* é reservado para referências à consumação de todas as coisas (Mt 13:39, 40, 49; 28:20). Mas no Discurso, *telos* (que tem um alcance semântico mais amplo) parece se referir ao fim de algo mais. E, nesse contexto, esse “fim” diz respeito ao templo (conforme a profecia de Jesus, v. 2). Assim, Quarles afirma que “a expressão 'o fim' (*to telos*) é diferente da expressão 'o fim da era' (*sunteleia tou aionos*) em 24:3, e as duas referências não devem ser confundidas. Embora o 'fim' em 24:3 se refira ao fim da era atual e ao início do reino escatológico, o 'fim' aqui [em 24:6] se refere à destruição de Jerusalém e do seu templo” (Quarles, Matthew (EBTC)). Assim, Brown e Roberts observam acertadamente que “Mateus tem o cuidado de distinguir este horizonte temporal (...*telos*) do 'fim da era' (...*sunteleia tou aionos*; 24:3)” (JK Brown e Kyle Roberts, Matthew).

Quinto, indicador de transição. Mateus registra uma clara quebra no Discurso que apoia a visão das duas perguntas. Em Mateus 24:36 (cf. Marcos 13:32), Jesus afirma: “Mas daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos do céu, nem o Filho, senão unicamente o Pai”. Como

observo em minha exposição de Mateus 24 em outra parte desta obra, a estrutura gramatical da nova seção sugere uma mudança de assunto, como vemos na frase que a introduz: *peri de* (“mas de” ou “mas a respeito de”). De fato, France (e muitos outros) insiste que o versículo 36 “marca uma mudança deliberada de assunto”, transitando assim do julgamento iminente do templo de Jerusalém para o distante julgamento final que o ano 70 d.C. antecipa [France, Matthew , TNTC].

Sexto, distinção de conteúdo. O conteúdo da seção anterior a 24:36 é bastante distinto daquele que se segue a partir do v. 37 (Gibbs, Jerusalém e Parusia). Antes do versículo 36, lemos sobre eventos históricos precursores que levaram à destruição do templo, significando seu fim iminente (por exemplo, 24:4-15, 24-25; cf. vv. 32-33). Assim, Jesus adverte que esses precursores do cerco de Jerusalém poderiam ser interpretados erroneamente como o próprio fim (cf. 24:8, 26). Mas com essa declaração no v. 36, Jesus nos surpreende com uma declaração a respeito daquele “dia e hora” (isto é, “o fim dos tempos”, v. 3): “Mas daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos do céu, nem o Filho, senão unicamente o Pai”. Portanto, o tempo do “fim dos tempos” é totalmente desconhecido (por exemplo, 24:37-41, 42-44). Se Jesus não sabia quando “aquele dia e hora” chegariam, quando o fim dos tempos chegaria, como poderia declarar com tanta confiança que isso ocorreria em sua própria “geração” (24:34)?

Sétimo, distinção nas circunstâncias sociais. As circunstâncias sociais da primeira parte do Discurso do Monte das Oliveiras diferem drasticamente daquelas da última parte (Kik, Uma Escatologia da Vitória). Na primeira seção (até Mt 24:36), tudo é confuso, caótico e catastrófico. Este período é repleto de guerras e rumores de guerras (vv. 6-7), fomes e terremotos (v. 7), traição e perseguição (v. 10), falsos profetas (vv. 11, 24), anarquia (v. 12), desolação (v. 15), fuga temerosa (v. 16) e grande tribulação (v. 21). Assim, desgraça após

desgraça se abate sobre os homens na calamitosa primeira parte do Discurso.

Mas na segunda parte, toda essa agitação e perigo estão ausentes. As atividades sociais são tranquilas, permitindo que os negócios sigam seu curso normal, enquanto as atividades comuns da vida continuam. As pessoas se casam, comem e bebem (Mt 24:38), trabalham no campo (v. 40) e moem no moinho (v. 41). O caos generalizado que antecede o ano 70 d.C. (24:4-31) contrasta fortemente com as condições tranquilas do período que precede a parusia de Cristo e o fim dos tempos (24:36-25:46).

Outras evidências virão. Confira a próxima publicação.

- Parte II -

As Duas Perguntas do Monte das Oliveiras

Continuo apresentando as evidências de que os discípulos de Cristo lhe fizeram duas perguntas em Mateus 24:3, e não três. Veja a postagem anterior.

Oitavo, a tendência à confusão dos discípulos. Em sua pergunta, os discípulos confundem duas questões distintas. Em sua interação com Jesus em Mateus 24:1-3, sua tendência à confusão os leva a associar a destruição do templo com “a vossa parusia e o fim dos tempos”. E isso apesar de já terem ouvido do Senhor que “o fim dos tempos” era o fim do tempo, trazido pelo juízo final (Mateus 13:39, 40, 49). É claro que o leitor implícito também saberia da grande comissão de Jesus, que se aproximava e se estendia até “o fim dos tempos” (Mateus 28:20). E a confusão dos discípulos sobre esse assunto torna-se ainda mais evidente para nós, visto que a declaração profética de Jesus (que dá origem à pergunta dos discípulos) se concentra exclusivamente na destruição do templo.

Como explica Donald Hagner (Mateus), as duas partes da pergunta feitas na mesma frase mostram que eles “não conseguiam dissociar a destruição do templo do fim dos tempos”. Ou seja, “os discípulos... não conseguiam separar os dois eventos em suas mentes: a destruição de Jerusalém implicava o fim dos tempos e a parusia de Jesus, inaugurando a escatologia”.

Sabemos pelos relatos dos Evangelhos que os discípulos frequentemente se confundiam. Por exemplo, eles até mesmo se confundiam com a proximidade da morte de Jesus, apesar de ele tê-los informado claramente sobre sua morte e ressurreição várias vezes antes que elas ocorressem (Mateus 16:21; 17:22-23; 20:7-19; 28:6a; Marcos 8:31-32; 9:9-10, 30-32; 10:32-34; Lucas 9:21-22, 43-45; 18:31-34; 24:6-7; João 12:7-8; 14:27-29). De fato, para mostrar a enormidade da confusão deles, em uma dessas ocasiões, depois que ele mencionou sua morte iminente (Marcos 8:31), lemos: “Ele estava explicando a questão claramente. Então Pedro, chamando-o à parte, começou a repreendê-lo. Mas ele, voltando-se e vendo os seus discípulos, repreendeu Pedro e disse: ‘Afasta-te de mim, Satanás!’” (Marcos 8:32-33). E eles não entenderam o que ele queria dizer, a ponto de ficarem surpresos quando ele ressuscitou (João 20:3-9; cf. Lucas 24:36-40).

De fato, Gibbs observa que no Evangelho de Mateus, quando os discípulos se aproximam de Jesus com uma pergunta, apenas em uma ocasião a pergunta é razoável: em 26:17, quando perguntam onde devem preparar a refeição da Páscoa. Mas em todos os outros casos, eles mostram sua ignorância (13:10, 36), raciocínio falho (14:15; 15:12, 23; 18:1, 21; 20:20) ou falta de fé (8:25; 17:19).

E à luz da recente purificação do templo pelo Senhor (21:12-13), da maldição da figueira, simbolizando Israel (21:18-22), do debate com os oficiais do templo (21:23-27), da denúncia parabólica dos supervisores do templo (21:33-45), do lamento por Jerusalém (23:37) e da declaração de que o templo estava “desolado” (23:38), por que os discípulos se aproximariam de seu Mestre “para lhe mostrar os edifícios do templo” (24:1), exclamando “eis que pedras maravilhosas e que edifícios maravilhosos!” (Marcos 13:1)? Como argumenta Osborne (Mateus): “o julgamento iminente tem sido o tema dominante desde as ações simbólicas da purificação do templo e da maldição da figueira em 21:12-22. Esse tema culmina no Discurso do

Monte das Oliveiras”. Contudo, os discípulos não antecipam isso de forma alguma.

Assim, aqui em Mateus 24:3, depois que o Senhor declarou a destruição iminente do templo, as perguntas dos discípulos levantam duas questões sobre as quais Jesus nem sequer estava falando. Eles simplesmente presumiram que “quando” o templo fosse destruído, isso necessariamente ocorreria na “sua parusia e no fim dos tempos”, ou seja, no fim dos tempos. Consequentemente, ao responder à sua pergunta confusa, Jesus começa advertindo-os: “Cuidado para que ninguém os engane” (24:4). Em seguida, ele repete essa advertência um pouco mais tarde, quando os exorta a não acreditarem em relatos de que ele está presente em algum lugar específico (24:25-26).

Em relação a uma análise crítica narrativa dessa interação, “tanto o registro do ponto de vista equivocado dos discípulos ao longo da história [de Mateus] quanto a resposta inicial de Jesus [advertindo contra serem enganados, 24:4] alertam o leitor implícito para rejeitar a associação feita pelos discípulos entre a ruína prevista do templo e a consumação dos tempos” (Gibbs, Jerusalém e Parusia). A estrutura bipartida do Discurso (ver quinto e sexto pontos acima) corrobora essa preocupação crítica narrativa.

E a advertência contra o engano não ocorre apenas nesta declaração inicial. Jesus logo advertirá que muitos se desviarão à medida que falsos profetas surgirem para enganá-los (Mateus 24:10-12). Mais tarde, ele adverte que tais falsos Cristos e profetas enganadores seriam tão persuasivos que poderiam quase enganar, “se possível, até mesmo os escolhidos” (v. 24). Mas, felizmente, “Eu vos avisei de antemão”, diz o Senhor (v. 25).

Nono, a perspectiva apocalíptica dos discípulos. O contexto social e a visão religiosa dos discípulos foram alimentados por expectativas apocalípticas desde a infância. Como afirma Calvino: “visto que desde a infância consideravam que o templo permaneceria até o fim dos

tempos... não pensavam que o templo pudesse cair enquanto a ordem criada no mundo se mantivesse” (Mateus). As profecias apocalípticas previam o fim da ordem temporal e o estabelecimento final do reino messiânico-nacionalista. De 200 a.C. a 100 d.C., foi produzida uma grande quantidade de literatura apocalíptica judaica popular. Como France (Mateus) comenta a respeito do “fim dos tempos”: “O ‘fim dos tempos’... é uma expressão judaica comum para a crise que se esperava que encerrasse a ordem mundial presente e inaugurasse a ‘era vindoura’.... Aqui, sua preocupação específica é com o julgamento que conclui a era presente e determina o status das pessoas para a era vindoura”.

Como explica o hebraísta John Lightfoot a respeito de Mateus 24:3: “Vejam aqui a doutrina dos judeus concernente ao Messias... Daí, compreendemos facilmente o significado desta pergunta dos discípulos... Quando ele vier, na evidência e demonstração do Messias, ressuscitando os mortos, encerrando esta obra e introduzindo uma nova; como lhes fora ensinado em suas escolas a respeito de sua vinda”. Osborne fala da confusão dos discípulos sobre a profecia de Jesus a respeito da destruição do templo: “Os discípulos... provavelmente estão pensando no momento esperado em que Jesus se tornará o Messias conquistador... Eles associam isso à ‘consumação final’ desta era”.

Vemos a influência das esperanças apocalípticas exposta em diversas passagens do Novo Testamento. Por exemplo, após Jesus alimentar milagrosamente os 5.000, lemos: “Percebendo que eles pretendiam vir e levá-lo à força para o fazerem rei, retirou-se novamente para o monte, sozinho” (João 6:15). Como observa D.A. Carson (João): “eles tinham testemunhado ou ouvido falar dos milagres de cura de Jesus e tinham sido alimentados com o alimento provido pelo seu poder miraculoso. Certamente nada poderia impedir que tal pessoa fosse o poderoso libertador que tantos filhos de Israel almejavam”. Klink (João) concorda: “Embora a multidão estivesse correta no que declarava (inconscientemente) sobre Jesus, o que eles

atribuíram a esse papel e, portanto, a Jesus, tornou-se o seu erro. Para a multidão, Jesus, como Profeta, era um rei guerreiro... Portanto, eles pretendiam fazer de Jesus rei para que ele conduzisse Israel ao domínio político sobre o mundo (isto é, Roma)”.

Em outra passagem, quando Jesus entrou em Jerusalém para a sua última Páscoa, lemos que as multidões “estenderam os seus mantos pelo caminho, e outros cortavam ramos de palmeiras e os espalhavam pelo caminho” (Mateus 21:8). “O estender de vestes e ramos de palmeira pelo caminho marca o reconhecimento festivo da realeza de Jesus (cf. 1 Reis 1:32-40; 2 Reis 9:13; 1 Macabeus 5:45-54; 13:51; 2 Macabeus 10:7)” (Turner, Mateus). Então, eles o louvam, entoando o último dos salmos de Hallel: “Hosana ao Filho de Davi! / Bendito o que vem em nome do Senhor! / Hosana nas alturas!” As duas últimas estrofes são do Salmo 118:25-26, mas a primeira estrofe, que faz referência ao “Filho de Davi”, foi acrescentada pelas multidões. Osborne (Mateus) comenta acertadamente: “Esta é a procissão da coroação do Messias real. O povo invoca bênçãos divinas sobre o seu libertador esperado, mas será libertado pelo Servo sofredor, e não por um rei conquistador”. Ou, como Hagner (Mateus) coloca, devido à proximidade da Páscoa (Mateus 26:19-30), “com a entrada do rei em Jerusalém, a salvação escatológica (concebida em termos político-nacionais) estava prestes a ser vivenciada”. Mais uma vez, as multidões foram movidas por um fervor messiânico-nacionalista, em parte impulsionado pelo poder miraculoso de Jesus, pois ele acabara de curar os dois cegos (Mateus 20:30-34).

Essa esperança apocalíptica na aparição repentina e gloriosa do reino messiânico era esperada por aqueles associados a Zaqueu, com quem Jesus fez amizade: “Ele estava perto de Jerusalém, e eles supunham que o reino de Deus ia aparecer imediatamente” (Lucas 19:11). Jesus acabara de declarar: “Hoje a salvação entrou nesta casa” (19:9) e estava a caminho de Jerusalém (19:11a). Assim, Garland (Lucas) sugere que os presentes haviam despertado “expectativas tradicionais sobre a redenção de Jerusalém” (2:38). O público pode

supor que o reinado de Deus assumirá uma manifestação terrena à maneira dos reis e reinos terrenos.

Vemos essa expectativa apocalíptica até mesmo entre seus discípulos mais próximos. Os dois discípulos no caminho de Emaús lamentaram a morte de Jesus porque “esperavam que fosse Ele quem redimiria Israel” (Lucas 24:21). Garland (Lucas) conjectura que “eles provavelmente entenderam [isso] em termos de libertação messiânica dos inimigos de Israel... Suas expectativas apocalípticas incluíam a esperança de um 'governante e libertador' nacional (ver Atos 7:35), e essas falsas esperanças também os cegaram”.

Em Marcos 10:35-45, somos apresentados a um orgulho apocalíptico repleto de esperança que toma conta de dois dos discípulos mais próximos de Jesus, Tiago e João. No versículo 37, eles pedem audaciosamente a Jesus: “Concede-nos que nos assentemos, um à tua direita e o outro à tua esquerda, na tua glória”. Eles fazem esse pedido enquanto Jesus está a caminho da cidade real de Jerusalém (v. 32) e enquanto eles antecipavam a sua “glória” régia (v. 37). E, sublinhando (mais uma vez) a sua tendência à confusão, fazem esse pedido imediatamente após ele dizer que iria a Jerusalém para ser condenado à morte (vv. 33-34)! E, no entanto, eles esperam a “vitória apocalíptica do guerreiro divino” (Garland, Marcos).

Pouco antes de sua ascensão, vemos também a esperança, ainda viva, de redenção nacional por parte dos discípulos mais próximos de Jesus: “Senhor, é agora que vais restaurar o reino a Israel?” (Atos 1:6). As expectativas dos discípulos “não se cumprirão da maneira que eles esperam ou preferem. O reino de Deus não tem nada a ver com o estabelecimento de Israel como um reino poderoso que governará o mundo com mão de ferro, como Roma faz” (Garland, Atos).

Décimo, a expectativa dos discípulos em relação ao templo. Os discípulos parecem presumir que o templo permanecerá de pé até o fim dos tempos. Não inferimos isso simplesmente com base em sua

admiração arquitetônica pela aparente inexpugnabilidade da estrutura maciça de pedra do templo (por exemplo, Marcos 13:1-2). Filo comentou sobre o templo: “que seus edifícios são de extraordinária beleza e magnificência” (Leis Especiais 1:13). Na Carta de Aristeias (págs. 100-101), lemos: “Está situado em um local elevado, fortificado com várias torres, que, por sua vez, são construídas com pedras consideráveis até o topo, segundo nossas informações, para a proteção da área ao redor do Templo, de modo que, em caso de qualquer assalto, revolta ou ataque inimigo, ninguém pudesse forçar a entrada nos recintos que circundavam a casa”.

De fato, o próprio Tito ficou admirado por ter conseguido vencer as enormes fortificações do templo, pois Josefo registra suas palavras: “Quando Tito entrou na cidade, maravilhou-se com suas fortificações e torres, que os tiranos haviam abandonado em sua loucura. Observando sua imensa altura, o tamanho de cada pedra e a precisão de sua construção, disse: 'Lutamos com Deus ao nosso lado, e foi Deus quem expulsou os judeus dessas fortalezas; pois o que podem mãos humanas ou máquinas realizar contra tais torres?’” (JW 6:9:1). De fato, ainda hoje existe uma parte da enorme plataforma de fundação sobre a qual o templo se erguia. A parte visível tem 488 metros de comprimento e 30 metros de altura. A maioria de suas pedras pesa entre quatro e oito toneladas, embora uma delas, conhecida como Arco de Wilson, tenha 12 metros de comprimento e pese 570 toneladas. Para os judeus, “as pedras maciças dos edifícios do templo... pareciam ter sido construídas para a eternidade” (Luz, Mateus).

Contudo, em vez de simplesmente uma admiração pessoal ao contemplar o templo, podemos ler sobre a expectativa judaica de que o templo estava destinado por Deus a permanecer até o fim dos tempos. O filósofo judeu Filo (falecido em 50 d.C.) comenta: “o templo será sempre preservado, sendo contemporâneo em sua duração ao mundo universal” (Leis Especiais 1:14). Nos Oráculos Sibilinos posteriores 5:401 (cerca de 100 d.C.), lemos sobre a

destruição do templo: “o sempre florescente e vigilante Templo de Deus / feito por pessoas santas e que se esperava / que sua alma e corpo fossem sempre imperecíveis”.

Portanto, os discípulos presumiram erroneamente que a destruição do templo sinalizava o fim da história. E Jesus corrigiu suas falsas suposições apocalípticas, separando as duas questões: (1) a destruição do templo e (2) a parusia, que introduz o fim dos tempos. O que os discípulos uniram, o Senhor separou.

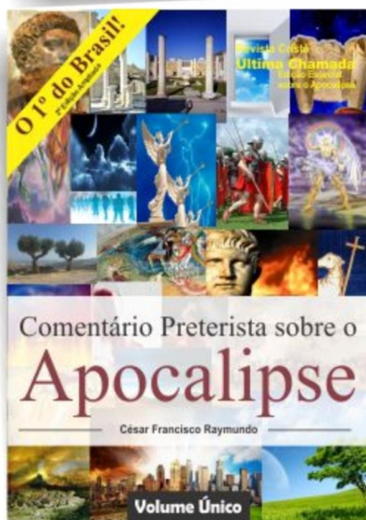
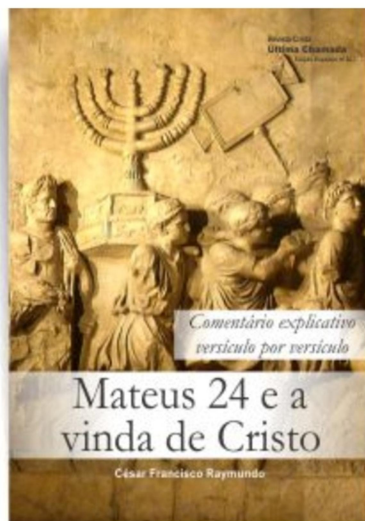
Nota final:

Para documentação bibliográfica deste e do artigo anterior, veja Kenneth L. Gentry, Jr. e Jay Rogers, *The Sign of His Coming: Hugo Grotius: A Preterist Commentary on the Mount Olivet Discourse* .

Obras importantes para pesquisa

Faça download de nossos outros títulos em

www.revistacrista.org



Revista Cristã
Última Chamada

O livro mais
Amargo
da Bíblia dá suporte a



Esperança Pós-milenista?

César Francisco Raymundo

KENNETH L. GENTRY JR.

PÓS-MILENARISMO PARA LEIGOS

VOCÊ PODE ENTENDER
A PROFECIA BÍBLICA



Refutando o Amilenismo Dispensacionalismo Pré-milenismo Clássico

Jay Rogers

César Francisco Raymundo

revista cristã
última chamada

E se Deus não tivesse nascido de mulher?